



MATOS, Odilon Nogueira de. A PUC e os Simpósios de História (IV). Correio Popular, Campinas, 17 out. 1975.

## A PUC e os Simpósios de História (IV)

Odilon Nogueira de MATOS

O assunto a que fiz referência ao terminar a nota anterior — a falta de uma formação específica e adequada tanto para os que trabalham em arquivos, como para os que se iniciam na pesquisa histórica —, já tem constituído alvo de manifestações em diversas reuniões de professores de história e historiadores, não lhe tendo sido indiferente o simposio que se reuniu em Campinas em 1969. É bem verdade que de então para cá a situação se alterou não diria substancialmente, mas pelo menos de molde a podermos esperar por melhores perspectivas. O assunto não é tão simples. Em outros tempos, alguns cursos de História nas Faculdades de Filosofia (inclusive na de Campinas) chegaram a instituir cadeiras ou aulas de Paleografia. Mas, sendo a Paleografia, antes de tudo, uma técnica, seu ensino jamais poderia produzir resultados sem a necessária prática, através de laboratórios que dispuzessem do instrumental indispensável, além do documentário propriamente dito. E nenhuma Faculdade, mesmo a da Universidade de São Paulo, que sempre contou com maiores recursos, foi capaz de realizar plenamente o programa a que se propôs, acabando por extinguir a cadeira, tal como aqui em nossa Universidade Católica. Atualmente, o ensino da Paleografia só é feito nas escolas de biblioteconomia, mas não tenho condições para informar de que maneira ele é realizado e se, efetivamente, alcança seus objetivos.

Temos, em Campinas, um exemplo digno de consideração. A Prefeitura Municipal, através de sua Secretaria da Educação, Cultura, Esportes e Turismo, providenciou a microfilmagem de milhares de documentos de interesse para a história campineira existentes no Arquivo do Estado. Todavia, até agora tais documentos não puderam ser utilizados simplesmente porque a Prefeitura ainda não pôde adquirir o indispensável aparelho para a leitura de microfílm. Ao que me informam, essa compra já está sendo providenciada e quando isso ocorrer, Campinas poderá dispor de um verdadeiro centro de documentação de pesquisa, há muito reclamado mas para o qual até agora ainda não se encontrou a necessária e adequada exequibilidade.

Assim sendo, o ensino da pesquisa histórica nas universidades ou faculdades de poucos recursos, não poderá ser feito senão na base da investigação bibliográfica, isto é através de fontes secundárias, sem que nossos alunos tenham possibilidade de ver sequer um documento.

A referência aos trabalhos de arrolamentos de fontes primárias apresentados nos diversos simpósios de história leva-me a um destaque especial para a participação da Universidade Federal do Paraná na importante reunião que aqui se

realizou em 1968, sob os auspícios de nossa Universidade Católica. Do que foi essa presença paranaense no Quinto Simpósio, já dei conta em diversas oportunidades, mas nunca é demais lembrá-la. Além de alguns trabalhos avulsos, relativos ao tema principal do Simposio, compareceu a delegação do Paraná com um belo volume intitulado "Arquivos Paranaenses", com mais de quatrocentas páginas, reunindo vinte e dois trabalhos de levantamento de fontes, representando um plano lucidamente explicitado no prefácio, e que revela, além de uma reconhecida consciência histórica, uma dedicação exemplar ao trabalho planejado. As Faculdades de Filosofia do Paraná, desde a Federal (de Curitiba) até a mais modesta do interior do Estado, conscientizaram-se de sua responsabilidade em face da pesquisa histórica, e só esta atitude, que creio não ter sido fácil, de despertar essa consciência, seria suficiente para credenciar os nomes dos responsáveis pelo Departamento de História da Universidade Federal do Paraná ao respeito e a gratidão de todos os que militam no campo da História.

Tal acontecia exatamente quando muitas Faculdades do próprio Estado de São Paulo e muitos professores da própria cidade de Campinas se omitiam no atendimento ao apelo para a participação no Quinto Simpósio, que fora convocado com certo caráter de emergência, pois a idéia inicial, como já lembrei, era realizá-lo na Bahia. A "nota" paranaense no Simpósio de Campinas foi, pois, de grande realce: distribuíram o alentado volume a que me referi, além de outras publicações que trouxeram, ocuparam uma sala para suas exposições e todo um dia do simposio lhes foi dedicado. Disse, na ocasião, que poderiam até ter hasteado à porta a bandeira do Paraná, com a legenda "Aqui se trabalha", que era, naquela época, o "slogan" do Estado vizinho...

Em nota que então publiquei, escrevi que esperava que a brilhante contribuição do Paraná ao Simposio de Campinas pudesse ser apreciada por quantos não puderam comparecer às reuniões e, mais ainda, também pudesse servir de estímulo a outras Faculdades de Filosofia para que promovessem, em seus estados ou em suas regiões, tarefa semelhante à que vinha de ser feita pelos paranaenses. O exemplo, de fato, não foi em vão, pois, embora com menos intensidade e com menor embasamento metodológico, outras instituições sentiram-se motivadas ao importante trabalho. A este respeito, já lembrei que até o "Breve Relatório" sobre o modesto trabalho que vinha sendo realizado na nossa Universidade Católica, serviu de estímulo a diversos professores e a várias Faculdades do país.

Realizado o Quinto Simposio, da maneira como recordei, a vinculação da PUC com a ANPUH não mais se interrompeu, tomando um sentido diferente, com excelentes resultados, nos três outros simpósios que desde então se realizaram: o de Goiânia (1971), o de Belo Horizonte (1973) e neste ano o de Aracaju. Numa última nota cuidarei desta nova modalidade de vinculação das duas instituições.